

**A astrologia nos doze poemas de
“Mar Português”
do livro *Mensagem* de Fernando Pessoa**

PARTE 2 de 4

**Signos do Verão
Caranguejo — Leão — Virgem**

Vitorino de Sousa

Poema IV correspondente ao 4º signo, Caranguejo

O Mostrengo

*O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: “Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?”
E o homem do leme disse, tremendo:
“El-Rei D. João Segundo!”*

*“De quem são as velas por onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?”
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso,*

*“Quem vem poder o que eu só posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?”
E o homem do leme tremeu e disse:
“El-Rei D. João Segundo!”*

*Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as repredeu,
E disse no fim de tremer três vezes:
“Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo;
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!”*

Neste poema Fernando Pessoa aborda a missão da alma (simbolizada pelo *homem do leme*), em face do destino (simbolizado pelo *Mostrengo*). Trata-se de uma missão que se resume a vencer o medo... precisamente o que sente o primeiro quando se defronta com o segundo! No Zodíaco, esta polaridade está contida no seguinte eixo de signos opostos e complementares:

- 4º Signo, Caranguejo, regido pela Lua, símbolo do mundo interior: inconsciente, noite, alma, emoções orientadas para os valores familiares e patrióticos.

- 10º Signo, Capricórnio (que, em relação a Caranguejo está no ponto oposto, *no fim do mundo*), regido por Saturno, símbolo do mundo exterior: trabalho, responsabilidade, seriedade, obra, destino, medo, carma.

Ambos, cada qual à sua maneira, gerem as memórias das experiências passadas, que, inevitavelmente, condicionam, no presente, as respostas aos estímulos exteriores que nos chegam a cada instante. É claro que em muitíssimas situações as respostas são escolhas automáticas, por estarem condicionadas por hábitos ancestrais. Realmente, quando uma situação se relaciona com algo que, quer nos lembremos quer não, nos amedrontou no passado, imediatamente esse medo original é acionado, mesmo que não haja razão para isso.

O 4º signo do Zodíaco, Caranguejo, está associado à Casa IV, a qual, por se encontrar na parte inferior do círculo zodiacal, toma o nome específico de Fundo do Céu. Esta zona do mapa astral simboliza o *fim* das coisas (a forma como se acaba o que se começou), mostra o Fundo, o *fim do mar* das emoções, o Fundo das fundações psicológicas e físicas (família e bens de raiz), bem como o aglomerado de irmãos do *mostrengo* que pululam no subconsciente. Fernando Pessoa começa por dizer isto mesmo. E, sabendo que esses medos, mais cedo ou mais tarde, sairão a voar da *noite de breu* para aflorar à superfície da consciência, acrescenta:

*O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar.*

Tendo isto em consideração, facilmente o leitor reconhecerá Saturno na figura assustadora, severa e ameaçadora do *Mostrengo* (medo) que sai do útero onde reside (subconsciente/Caranguejo) e se mostra ao apavorado, mas corajoso, *homem do leme*. Ou seja, porque as suas águas foram perturbadas (Caranguejo/Água), a energia salta para o seu oposto complementar (Capricórnio/Terra), mostrando-se, tornando-se real através de uma figura assustadora.

Externamente, o medo simboliza o cabo do mundo, que tem de ser vencido (dobrado) com valentia, sob pena de não se chegar à Índia, o desejado término da viagem; internamente, simboliza a iniciação que tem de ser feita, com entrega, sob pena de não se chegar à Luz, o desejado término da viagem. Seguro do seu poder de manipular a vontade humana, mas surpreendido com a visita, o próprio *Mostrengo* interroga, ao longo das três primeiras estrofes do poema:

*Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?*

...
*De quem são as velas por onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?*

...
*Quem vem poder o que eu só posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?*

Novamente, está bem clara aqui a viagem espiritual e o desafio de enfrentar o desconhecido (inconsciente/Lua).

Peço-lhe, caro leitor, para imaginar a situação do *homem do leme*, símbolo das valências de Caranguejo: está longe da segurança da pátria e da família desterrado dentro de uma caravela, no meio do oceano longínquo, acerca de cujas águas nada sabe. De facto, o que habitava nelas? Como terminavam? Que surpresas reservavam? Está rodeado por ventos e tempestades, mergulhado na escuridão noturna e lutando contra o seu próprio desamparo. Ora, esta situação de um caminheiro marítimo ter de dobrar um cabo *no fim do mundo* – onde se levanta e berra a configuração monstruosa dos próprios medos sob a forma de um *Mostrengo* – para poder chegar à Índia, não é muito diferente daquela que um caminheiro espiritual enfrenta para poder chegar ao seu Oriente.

Assim, em *O Mostrengo*, o *homem do leme* é um peregrino que luta para ultrapassar os seus limites. Quanto a *El-Rei D. João Segundo*, ele representa o Divino no Humano, guardado nos átomos do seu corpo físico – aquilo que, um dia, se transformará no fogo que nos elevará para a outra dimensão, tal como o fogo da fogueira eleva o ar de que se alimenta. Dito de outra forma, *El-Rei D. João Segundo* é a Vontade do Eu Superior, a Voz Silenciosa *que ata ao leme* e, por isso, não permite desistências.

Mas, para que serve a Vontade do Eu Superior se não for posta em prática? No entanto, esta Vontade, precisamente por ser Superior, não obriga ninguém a pô-la em prática; ela não viola as nossas escolhas e decisões, que nos levam a continuar a alimentar desequilíbrios e a lamentar perdas; ela não contraria a nossa recusa de apresentar a alma à personalidade. Não. A Vontade Superior ama e, portanto, respeita. Por isso, apesar de reconhecer os caprichos dos nossos egos, limita-se a esperar que nos decidamos a aceitar o Seu desígnio. Em *O Mostrengo*, o *homem do leme* atingiu esse grau de consciência e decide pôr em prática a Vontade do seu Eu Superior, neste caso, *El-Rei D. João Segundo*. Já sem um ego que o comande, acolhe os desígnios superiores. Por isso, bravamente, responde *no fim de tremer três vezes*:

*Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo;
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!*

Assim, *tremendo*, mas cumprindo o desígnio superior, enfrenta *a noite de breu* para se defrontar com os seus monstros pessoais, o medo *imundo e grosso* que reside nas catacumbas da mente.

Numa perspectiva astrológica, a figura de *El-Rei D. João Segundo* (o poder temporal por detrás dos Descobrimentos), simboliza a Pátria (Caranguejo/Lua). Sacrificando-se, *o homem do leme* de tudo se afastou e, seguindo a Voz Maior, *ousou entrar* nos domínios desconhecidos do *Mostrengo*. Numa perspectiva espiritual, *El-Rei D. João Segundo* é equivalente a essa Voz Maior que o peregrino ouve. É o que, a partir de um certo grau de desenvolvimento, não pode deixar de ser ouvido e muito menos abafado. Sacrificando-se, tudo abandona e desidentifica-se do mundo.

Na expressão *três vezes*, que tão insistentemente surge ao longo do poema, podemos ver, também, conotações espirituais e astrológicas. Espiritualmente, pode ver-se uma nova referência à Santíssima Trindade; astrologicamente, refere o terceiro signo zodiacal, a que corresponde este terceiro poema, e lembra os três signos/elementos que antecedem Caranguejo: o impulso (Carneiro/fogo), a determinação (Touro/terra) e o discernimento (Gêmeos/ar). Todos eles marcam etapas fundamentais, necessárias à decisiva empresa de mergulhar nas profundidades e reconhecer o que está oculto na essência de cada ser humano.

* * *

Vamos agora juntar o primeiro verso – *O mostrengo que está no fim do mar* – com o último – *De El-Rei D. João Segundo* – para ver se podemos esticar um pouco mais a criatividade:

“O mostrengo que está no fim do mar, de El-Rei D. João Segundo!”

Perante isto, pode levantar-se a questão de saber o que é que é de *El-Rei D. João Segundo*: o *mostrengo* ou o *fim do mar*? Assim, atendendo à posição das vírgulas, deve ler-se:

“O mostrengo que está no fim do mar de El-Rei D. João Segundo.”

ou

“O mostrengo, que está no fim do mar, de El-Rei D. João Segundo.”

Nesta segunda hipótese, se tirarmos o que está entre as vírgulas (“que está no fim do mar”), surge o mostrengo particular de El-Rei: “O mostrengo (...) de El-Rei D. João Segundo”.

Bom, por trás do título de rei está um homem como qualquer outro e, portanto, possuidor dos seus próprios medos, hospedeiro do seu mostrengo particular, como se a alimária fosse uma espécie de camareiro sombrio, que não o larga nem quando se vai deitar. Medo toda a gente tem, como se tem visto. Porém, pelo facto de ser rei, talvez esses medos fossem até bem maiores do que aqueles que perturbavam o comum dos mortais da época.

No caso da primeira hipótese (“O mostrengo que está no fim do mar de El-Rei D. João Segundo) é o *fim do mar*, não o *mostrengo*, que o pertence ao monarca. Todavia, como é que *D. João Segundo* podia possuir uma coisa que era de todos? Podia ele ser o senhor de algo que ninguém sabia como acabava? Claro que podia, porque também o leitor possui o medo, algo que é de todos e, igualmente, não sabe como acaba!

Portanto, é indiferente uma hipótese ou outra, uma vez que – sem quaisquer especulações – é do confronto entre o sonho e o medo que depende a realização ou o fracasso de um destino. Se não nos enganamos, era isto mesmo o que Fernando Pessoa queria dizer.

Poema V correspondente ao 5º signo, Leão

Epitáfio de Bartolomeu Dias

*Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.*

À primeira vista este poema é difícil de interpretar. Analisemos duas ordens de razões:

1ª – Não faz sentido que o poema mais pequeno, de tamanho modesto, corresponda ao signo que gosta de opulência e grandiosidade;

2ª – O próprio título remete para a escuridão e para a morte, quando se sabe que Leão é regido pelo Sol, símbolo da Vida e da Luz.

O sentido profundo deste *Epitáfio* só fica perceptível quando encaramos esta sequência de poemas como uma viagem espiritual, tal como temos vindo a fazer, sobrepondo esse ângulo de visão com o da Astrologia. Todavia – e isto pode parecer uma afirmação surpreendente – falar de trajeto espiritual ou de Astrologia é exatamente a mesma coisa, uma vez que esta pode ser o veículo daquele.

Há, sem dúvida, muitas formas de praticar a Astrologia. No século XXI, porém, não faz sentido fazer outro uso dela que não seja o de reconhecê-la como uma técnica de compreensão humana que, se assim o quisermos, poderá contribuir para a expansão da consciência. Ou seja, para a evolução. Dito de outra maneira, poderá ser uma bússola, sempre ao dispor de quem já se sente atraído pela perspectiva da Iluminação.

A iniciação, conseguida através da superação do ego e dos seus inevitáveis medos, dá acesso a outro plano. Nada mais natural, portanto, que lavar um epitáfio em se que recorde o criatura deixada para trás – a personalidade imatura que “morreu” para dar lugar a outra, mais madura e significativa.

*Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. (...)*

Estes dois versos dizem-nos que *aqui* ficou o velho ser, aquele que comandou a sua “nau” até à fronteira de uma nova dimensão espiritual:

(...) *Dobrado o Assombro,*
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!

Ou seja, depois de vencido o medo monstruoso (*dobrado o Assombro*), continuamos a viver na Terra, mas deixou de haver razão para recear!

E onde está a referência ao signo oposto e complementar daquele a que esse poema diz respeito? Aqui, em Leão (5), temos de ver de que forma Aquário (11) está codificado dentro deste *Epitáfio*. Aquário – signo do elemento Ar – é o futuro. Representa, portanto, a abertura mental necessária ao crescimento, principalmente espiritual. Aquário pretende projetar-se para a frente e realizar os seus ideais de elevação, ao mesmo tempo que vai deixando para trás o interesse pelas coisas terrenas. Porquê?

Porque tudo o que é pesado não só dificulta o caminho rumo à transparência e à leveza, como impede a capacidade de respirar o ar puro das Alturas (Aquário). Daí o seu amor ao desapego, o seu gosto pelo descondicionamento e o seu apreço pela impermanência!

Ao fim e ao cabo, Aquário é um arquétipo de esperança. Simboliza a certeza de que a Humanidade, quando reprogramar a sua mente e a alinhar com a intuição (Urano, regente de Aquário) e com o Espírito, recuperará o conhecimento da Essência. Passará a conduzir-se habilmente. Assim sendo, fica claro que este *Epitáfio* é o paradigma da afirmação do Eu Superior (Leão) e, portanto, do salto para a frente: depois de enfrentado o *Mostrengo* (o poema anterior) e vencido o medo, o Ser fica muitíssimo mais leve, ilumina-se (Leão) e liberta-se (Aquário).

Além do mais, esta libertação tem a vantagem de facilitar os movimentos que hão de ser dados a seguir. Aquário não pode ajudar a alçar a alma para o *alto* se o porão da nau estiver a abarrotar de pesos indesejáveis. Se assim acontecer *Atlas*, (não) *mostra alto o mundo no seu ombro!*

* * *

Este poema é pequeno, mas, mesmo assim, é perfeitamente possível juntar as primeiras palavras às últimas, na esperança de que façam algum sentido. Portanto, juntemos *Jaz aqui* com *o mundo no seu ombro*:

“Jaz aqui, o mundo no seu ombro.”

Curiosamente, como Atlas não é referido nesta frase, o ombro deixa de lhe pertencer, para passar a ser de quem *jaz*: Bartolomeu Dias. Portanto, o mundo jaz no ombro de Bartolomeu Dias. É coerente, não pelo facto de esse navegador ser português, mas por se tratar de um ser humano cuja coragem – e, decerto, o poder de persuasão de D. Henrique – fez dele um herói e um exemplo. Atlas, por seu lado, é, apenas, uma figura mitológica que, neste caso, serve de referência a criaturas da dimensão do homem que dobrou o Cabo das Tormentas, rebatizado posteriormente Cabo da Boa Esperança.

Mas que mundo jaz no ombro deste *Capitão do Fim*? Decerto o mundo completo, já que, antes de vencido o cabo do extremo sul da África, os ocidentais só conheciam as coisas pela metade, sendo que o mesmo se podia dizer da generalidade dos orientais. Através desse navegador nos conhecemos uns aos outros e encetámos uma longa história de trocas a todos os níveis. Bem vistas as coisas, se não fosse Bartolomeu Dias, os ocidentais, hoje, não teriam a acupunctura à sua disposição e os orientais desconheceriam a Coca-Cola e o MacDonalds. Grave perda para os orientais!

Poema VI correspondente ao 6º signo, Virgem

Os Colombos

*Os outros haverão de ter
O que houvermos de perder.
Outros poderão achar
O que, no nosso encontrar,
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.*

*Mas o que a eles não toca
É a Magia que evoca
O Longe e faz dele a história.
E por isso a sua glória
É justa auréola dada
Por uma cruz emprestada.*

Este é um texto bem complicado de analisar. Não sabemos se Fernando Pessoa fez de propósito, mas a verdade é que um dos atributos de Virgem é precisamente a tendência para complicar! Todavia, há muito para dizer. Assim, onde vamos encontrar referências ao elemento de Virgem (Terra) e ao signo oposto, Peixes (Água)?

Este poema, no seu conjunto, reflete sobre um mundo de posses, equivalente ao do elemento Terra (ter e dar, possuir e perder, produzir e vender, semear e colher, etc.). Logo nos dois primeiros versos se encontra uma clara referência a quem tem ou não tem, a quem perdeu e a quem achou.

*Os outros haverão de ter
O que houvermos de perder.*

Mas também encontramos, na segunda estrofe, termos associados a Peixes: fala de *Magia*, de *evocar*, de *Longe*, de *auréola*. A linguagem já não refere, como na estrofe anterior, as coisas concretas do ter ou não ter; transporta-nos para um ambiente evasivo, diáfano, misterioso e, até, transcendente.

Em que medida é que este poema está relacionado com os Descobrimientos portugueses? Objectivamente, nada. Mais: se só há um Colombo, porque é que este 6º poema se chama *Os Colombos*? Parece que “os colombos” representam aqueles navegadores e descobridores que fizeram exatamente o mesmo que os portugueses (navegar, descobrir terras, etc.), mas a quem faltava uma coisa essencial: a sacralidade da sua missão.

Se dizemos isto, não é, evidentemente, por patriotismo, nem por os portugueses serem melhores que quaisquer outros; é por esses outros terem nascido fora do país que, segundo Pessoa, tinha por missão divina expandir os caminhos marítimos deste planeta e, conseqüentemente, espalhar por esse mundo o pacífico, criativo, condescendente e sensível ADN pisciano/português. Isto poderá ser muito polémico, mas é o que se pode deduzir de:

*E por isso a sua glória
É justa auréola dada
Por uma cruz emprestada.*

De facto, dá a sensação que os “colombos” (os navegadores estrangeiros) surfaram a onda que, divinamente, aos Portugueses fora destinada. No entanto, como era inevitável que navegadores de outras nacionalidades viessem a participar nessa aventura, Fernando Pessoa presta-lhes homenagem, classificando de *justa a auréola* que, historicamente, ficou rodeando as cabeças deles... embora ela provenha de *uma cruz emprestada*, porque a genuína era dos Portugueses.

Poderá haver quem se espante, ou desconfie, deste espírito de missão dos portugueses (irremediavelmente piscianos), o qual atingiu o auge no século XV. Mas há coisas que, embora possam passar despercebidas aos distraídos, convém prestar alguma atenção. Eis três dos muitos exemplos que podem apresentar-se:

1 – Por que se dirá que Portugal é um país de poetas, de gente ingénuo, devoto e caritativo, sabendo-se que a Poesia, a devoção, a ingenuidade e a caridade são atributos de Peixes?

2 – Que outra nação poderia possuir o mito do Encoberto (que voltará numa manhã de nevoeiro), quando se reconhece que nevoeiro, indefinição, sonho, saudade e simbolismo são atributos de Peixes?

3 – Quem mais faria uma revolução (25 de Abril de 1974), onde os representantes dos poderes caídos – responsáveis por mortes, assassinatos políticos, fome, atraso e repressão – em vez de serem julgados, como seria justo, foram misericordiosamente tratados e, já envoltos num perdão inquestionável, acabaram por viajar, na maior das tranquilidades, ao encontro do sol acolhedor do país irmão, do outro lado do Atlântico? E enquanto estas cenas, perfeitamente surpreendentes, se iam desenrolando, rubras flores enfeitavam os canos das espingardas, portadas por soldados de lágrima no olho, desejosos de abraçar toda a gente, talvez até aqueles a quem, poucas horas antes, julgavam impossível perdoar por lhes quererem tirar a vida!

Apenas uma resposta apetece dar às perguntas feitas acima: apesar de calorosos e ingénuos, de brutos e generosos, de provincianos e infantis, só os Portugueses poderiam fazer uma revolução como a 1974. Sem dúvida, é uma questão de natureza da alma portuguesa. É assim e não há nada a fazer... excepto não nos esquecermos da obrigação de refinar a natureza na nossa alma coletiva!

* * *

A frase – *Outros haverão de ter (...) uma luz emprestada* – é o que resulta da combinação das primeiras e das últimas palavras deste poema. Fernando Pessoa é estranho a este verso. Dificilmente poderia assinar uma coisa destas já que, interpretando-o à luz da espiritualidade, embora seguindo uma orientação diferente da que foi usada na análise a *Os Colombos*, trata-se de um enorme disparate. Ninguém pode ter ou beneficiar de uma luz emprestada. Luz não é coisa que se empreste! Aliás, sequer é coisa que se dê. Não é transmissível, como a sabedoria; tem de ser adquirida. Assim, Luz é algo que o leitor não deve esperar de outra pessoa.

E é escusado procurá-la seja aonde for, excepto no chamado coração espiritual. Na dádiva da Fonte não há graus, porque foi absoluta. Onde esses graus já se verificam é na noção que cada um de nós tem da quantidade e qualidade de Luz que irradia. Dito de outra forma, o que está em causa é a maior ou menor consciencialização que cada um de nós possui do quanto já tirou daquilo que obscurecia (e nos casos mais graves encobria completamente) a sua Luz. A Consciência Primordial não empresta nada. Nem dá! Isto poderá parecer uma heresia imperdoável, passível de fogueira. Deixa de sê-lo, todavia, se nos lembrarmos que já temos, em potencial, tudo aquilo de que precisamos. Se temos a sensação de que nos falta algo, é porque ainda não concretizámos o potencial que lhe corresponde.

O que entrava as coisas é o facto de o ego, porque serve apenas a si próprio, estar fadado a errar na escolha. Por isso, o que nos impede de reconhecer a Verdade – a tal Luz que é nossa desde o Princípio – são as consequências das escolhas inábeis do ego. Para quê, então, buscar a Luz fora, ou procurar quem no-la possa fornecer *emprestada* se, desde sempre, essa portentosa vibração vive no nosso coração?